O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 31 | Boa Vista | 2022

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.6585374

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

TORNAR-SE MÃE:
ANÁLISE FÍLMICA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO NA MATERNIDADE

Caroline Araújo Costa[*]

Damile Jonas Couto de Jesus[*]

Pablo Mateus dos Santos Jacinto[*]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo descrever o processo de construção da maternidade. Com isso, propõe-se identificar os principais fatores envolvidos no processo de vinculação mãe-bebê, analisar as variáveis que influenciam no desenvolvimento da maternidade e apontar sua construção social. Para tanto, realizou-se uma pesquisa documental qualitativa de caráter descritivo, juntamente com a revisão bibliográfica de literatura. Foram analisadas duas obras fílmicas: "O que esperar quando está esperando" e "Olmo e a Gaivota". Sob essa ótica, o estudo possibilitou discutir a maternidade e os acontecimentos que decorrem ao longo deste processo. É percebível a existência de problemáticas que envolvem o tema, partindo das alterações na gestação, como: mudanças no corpo, relação mãe-companheiro, rede de apoio e vinculação mãe-bebê. Sugere-se a realização de estudos empíricos para elucidar esse processo nos distintos contextos socioculturais.

Palavras chave: Maternidade. Parentalidade. Vínculo.

Abstract

This article aims to describe the process of construction of motherhood. It is proposed to identify the main factors involved in the mother-baby bonding process, to analyze the variables that influence the development of motherhood and to point out its social construction. For this purpose, a qualitative documentary research of a descriptive nature was carried out, together with a bibliographic review of the literature. Two movies were analyzed: "What to Expect When You're Expecting" and "Olmo & the Seagull". From this perspective, this study made it possible to discuss motherhood and the events that take place throughout this process. It is noticeable the existence of problems involving the theme, starting from changes in pregnancy, such as: changes in the body, mother-partner relationship, support network and mother-baby bonding. Empirical studies are suggested to elucidate this process in different sociocultural contexts.

Keywords: Bonding. Motherhood. Parenthood.

INTRODUÇÃO

Durante o passar dos tempos, ocorreram muitas alterações quanto ao conceito de maternidade, atravessando o contexto familiar conhecido hoje. Sendo um fenômeno social, a maternidade possui

[*] Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). E-mail para contato: caroline.araujocosta@yahoo.com.br

[*] Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). E-mail para contato: damilejesus89@gmail.com

[*] Psicólogo. Mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail para contato: pablojacintopsi@gmail.com

diferente significados e simbologias em distintos contextos históricos e ao mesmo tempo, a função que esta mãe exerce pode mudar paulatinamente

A valorização do conceito da maternidade se inicia fidedignamente com o desenvolvimento do capitalismo e ascensão da burguesia. Na Idade Média, observava-se uma pouca distinção social entre adultos e crianças, bem como baixo investimento afetivo das famílias para com sua prole. Segundo Ariès (1986), esse distanciamento possuía relação com a indiferenciação da infância como etapa a ser protegida, bem como com a alta taxa de mortalidade infantil.

Na modernidade, com a estruturação da família nuclear e o fortalecimento de novos papéis para homens e mulheres, a educação, o afeto e o cuidado com as crianças se confundem com a prática materna. Os cuidados com as crianças, que antes eram terceirizados para as amas de leite, passam a ser de única responsabilidade das mães e, dessa forma, se faz necessário uma maior disponibilidade afetiva por parte destas em relação aos seus bebês (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014).

Tais mudanças se associam à inserção dos valores burgueses, nos quais o casamento se mantinha exclusivamente na manutenção dos papéis conjugais e na produção da prole. A mulher tem seu corpo moldado para exercer ativamente apenas a figura de cuidadora e amorosa dentro do seu lar, ao mesmo tempo que fortalece o ideal da condição feminina como um determinante biológico para procriação (GUTIERREZ, 2011).

Entretanto, no século XX, as noções sobre a maternidade e a mulher ganham novos caminhos. Dentre os fatores essenciais para tal mudança, estão o avanço da industrialização e a urbanização. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho formal, em grande maioria as de famílias operárias, se difunde a dupla jornada que consistia em trabalhar fora de casa e exercer seus deveres do lar. Isso porque, ao assumir novos papéis sociais, a mulher não abandonou a imposição social ao cuidado e à maternagem. A união de fatores como o cuidado com o lar, emancipação financeira, controle reprodutivo, dentre outras mudanças no papel social da mulher no século XX impulsionam novas discussões sobre a decisão da mulher em "tornar-se mãe" ou não, trazendo em conta questões sociais, econômicas e discussões entre o casal (CORREIA, 1998).

Apesar das constatações da maternidade como fenômeno histórico e cultural, perduram visões que defendem esse processo como instintivo e, portanto, universal. Surgem, na modernidade, noções de "ideologia materna" e desejo em "ser mãe" em relação às mulheres, em que passam a ter como único papel a reprodução, vistas por muitos até hoje como fonte de fertilidade e cuidado (BADINTER, 2011).

Esse fenômeno pode ser compreendido como "mito da maternidade", ou "mito do amor materno" (BADINTER, 2011; RESENDE, 2017). Pressupõe-se uma tendência da mulher a ser mãe, considerando este um processo natural e normativo. As teorias inatistas seguem essa linha, e dessa

forma, concebem a ideia de que o amor materno e a maternidade são um instinto e toda mulher manifestará a vontade de ser mãe (GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011).

Banditer (1985) expõe que ao invés de falar sobre o instinto materno, é importante indagar a pressão social que a mulher sofre em tomar a maternidade como única forma de autorrealização. Assim, o amor materno é construído das relações e os processos que decorrem das vivências das mulheres mães, e os sentimentos ambivalentes que a gestação gerará (RESENDE, 2017).

Os estudos mencionados demonstram que existem divergências quanto à concepção do amor materno entre mãe-bebê, sendo essa ideia forjada a partir da idealização de uma mãe perfeita. Acreditando que por gerarem as crianças, desenvolvem por elas um amor instintivo, a maternidade se concebe como um fator inato à mulher através de discursos amplamente patriarcais.

Na busca de viabilizar a discussão sobre a temática acerca do tornar-se mãe, este estudo busca descrever e analisar o processo de "tornar-se mãe". Para tanto, pretende-se: 1) Identificar os principais fatores envolvidos no processo de vinculação mãe-bebê; 2) Analisar as principais variáveis que influenciam no desenvolvimento da maternidade; e 3) Apontar a construção social da maternidade.

MÉTODO

Para a obtenção dos resultados acerca da problemática do tornar-se mãe, o presente estudo teve como base uma estratégia qualitativa de caráter descritivo. O método utilizado foi a pesquisa documental juntamente com a revisão bibliográfica, pois apresenta "algumas vantagens por ser fonte rica e estável de dados não implicando altos custos, não exigindo contato com os sujeitos da pesquisa e possibilitando uma leitura mais profunda das fontes" (GIL, 2002, p. 62-63). Apesar de ser semelhante à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, o que as diferencia uma da outra é a natureza das fontes, sendo a pesquisa documental material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser refeito de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2002).

O processo de coleta foi realizado por conveniência, dando-se a análise fílmica de obras previamente conhecidas pelas autoras com estilos narrativos semelhantes. Tendo como proposta trazer o retrato de diferentes formas do tornar-se mãe e como cada cenário implicará nesta situação, buscou-se variar filmes com histórias contextos e personagens diferentes sobre a maternidade. Foram observados no desenrolar das tramas aspectos que conversavam com os conteúdos discutidos na pesquisa, possibilitando a incorporação de tais informações para serem discutidas com a temática proposta. Os filmes escolhidos para análise foram:

a) O QUE ESPERAR QUANDO VOCÊ ESTÁ ESPERANDO (*"What to Expect When You're Expecting)*. Direção: Kirk Jones. Produção de Mike Medavoy, David Thwaites e Arnold Messer. Estados Unidos: Distribuidora Universal Studios, 2012. Globo Play. A escolha desse filme surge como ferramenta para mostrar a maternidade a partir de diversas perspectivas, onde cada mulher a vivencia de uma forma diferente, tendo como destaque a personagem Wendy que é uma autora de best seller sobre amamentação e no momento em que engravida percebe a gestação de uma outra maneira, tendo diversos conflitos com seu corpo e desmistificando aquela gravidez perfeita das revistas. E também, a personagem Holly, uma fotógrafa que após várias tentativas frustradas de engravidar, decide partir para a adoção. Esse filme se encontra na plataforma de streaming Globo Play.

b) OLMO E A GAIVOTA. Direção: Petra Costa, Lea Glob. Produção de Charlotte Pedersen, Luís Urbano e Tiago Pavan. França: Distribuidora Pandora Filmes (Brasil), 2014. Netflix. O filme surge como ferramenta para elucidar a trajetória gestacional da personagem Olivia, uma atriz de teatro que está no ápice da carreira. Com a chegada da gravidez, a atriz se depara com um novo papel, o de tornar-se mãe e as novas limitações do seu corpo. Com a escolha dos dois filmes citados, pretende-se escrever um estudo demonstrando as diversas formas de torna-se mãe.

A análise se deu a partir da seleção de cenas que dialogaram com as discussões propostas sobre as principais variáveis que influenciam no desenvolvimento da gravidez, o processo de vinculação mãe-bebê e seus principais fatores. Adotou-se como aporte teórico autores como Klaus (1992), Winnicott (2011) Zanatta, Pereira e Alves (2017) entre outros que realizaram pesquisas no campo de estudo sobre a maternidade e suas implicações.

Para tratar as cenas de forma alinhada com a teoria, foram utilizadas como figuras centrais as personagens femininas e sua rede de apoio. No total foram escolhidas 15 cenas como constam nos Quadros 1 e 2, sendo 9 dessas do filme "O que esperar quando você está esperando", utilizando-se as personagens Wendy e Holly. Já no filme "Olmo e a Gaivota" foram retiradas 6 cenas com o foco na personagem Olivia.

Quadro 1 – Cenas do filme "O que esperar quando você está esperando"

CENAS	*MINUTAGEM*	*TEMAS ABORDADOS*
Cena 1	14min a 18min	Relação mãe-companheiro (a)
Cena 2	18:13min a 19:14min	O envolvimento materno durante a gestação / Mudanças no corpo feminino
Cena 3	20:07min a 23:00min	O envolvimento materno durante a gestação
Cena 4	34:25min a 35:03min	Relação mãe-companheiro(a)
Cena 5	56:28min a 58:11min	Relação mãe-companheiro (a)
Cena 6	01h:14min a 01h:19min	O envolvimento materno durante a gestação / Mudanças no corpo feminino
Cena 7	01h:24min a 01h:25min	Após o parto
Cena 8	01h:35min a 01h:37min	Em caso de adoção
Cena 9	01h:38min a 01h:39min	Após o parto/ Aleitamento materno

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 – Cenas do filme "Olmo e a gaivota"

CENAS	*MINUTAGEM*	*TEMAS ABORDADOS*
Cena 10	03:10min a 05:10min	O envolvimento materno durante a gestação/ Relação mãe-companheiro (a)
Cena 11	08:24min a 13:07min	Rede de apoio
Cena 12	16:25min a 22:01min	O envolvimento materno durante a gestação
Cena 13	27:32min a 30:08min	O discurso social
Cena 14	29:02min a 31:10min	O envolvimento materno durante a gestação
Cena 15	33:32min a 36:18min	Relação mãe-companheiro (a)

Fonte: Elaboração própria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Processo de vinculação mãe-bebê e seus principais fatores

O envolvimento materno durante a gestação

Gestação é o ato de gestar, que compreende o gerar de outro ser dentro do seu próprio corpo. A mulher durante a sua vida experimenta diversos modelos de cuidados. Pode-se perceber através das brincadeiras em que é reservado a elas a posição de acolhimento, no qual a boneca surge como um principal instrumento de exercício lúdico do papel de mãe no imaginário, sendo como um treinamento para a maternagem de um bebê real (KLAUS; KENNEL, 1992).

Para a existência do bebê desejado, é necessário que ele tenha sido fantasiado no imaginário de um dos pais, pois os primeiros afetos não surgem após o nascimento, mas também durante a vivência da mãe com o filho ainda no ventre, e também das relações com as suas próprias figuras de cuidado. Sendo assim, no primeiro momento o surgimento do bebê imaginário e todas as idealizações são projetados por parte da mãe (WINNICOTT *apud* SILVA; PORTO, 2016).

No filme "O que esperar quando você está esperando" (CENA 2), podemos observar as primeiras reações da personagem Wendy ao descobrir que está grávida, após diversas tentativas e tratamentos. Ela se encontra deitada em uma almofada se sentindo sonolenta e, ao tocar os seios, percebe uma alteração no tamanho e decide então realizar testes de gravidez. Após a confirmação da gravidez, a personagem corre para contar ao marido que se sente realizado. Semelhantemente, em "Olmo e a Gaivota" (Cena 10), podemos perceber a alegria de Olivia ao descobrir sobre a sua gestação. Nos primeiros minutos do filme, a personagem está no banheiro realizando o teste de gravidez enquanto cantarola uma música com seu namorado. Apesar de não ter sido uma gravidez planejada, a personagem

recebeu muito bem a notícia. A primeira vinculação ocorre na descoberta da gravidez, sendo promovida através do anúncio da mesma (BRAGA; SILVA, 2019).

Cada mulher vivencia o momento da gravidez de forma diferente. Se for o primeiro filho, deve aprender a lidar com as mudanças que ocorrerão em seu estilo de vida, na qual passará a atender tanto as necessidades da criança quanto do(a) companheiro(a), caso mantenha relação. Outros fatores que sinalizam essa diferença são a existência de planejamento prévio, ou se será estabelecida uma vivência de mãe solo. Sendo assim, não se pode generalizar o que seria a maternidade (KLAUS; KENNEL, 1992).

A personagem Wendy e seu marido (em "O que esperar quando você está esperando", Cena 3) vai à casa dos sogros contar a novidade. Chegando lá, descobrem que os seus sogros também estão à espera de um filho. Durante o diálogo com Skyler, a esposa do seu sogro, ela pergunta a Wendy como ela está se sentindo em relação à gravidez. A personagem afirma que está sentindo alegria, um pouco de cansaço, enjoo, azia e associa isso a um "milagre" da gestação. Apesar do termo, a personagem demonstra nítido desconforto ao narrar os sentimentos. Já Skyler relata que não parou de realizar nenhuma das atividades, afirmando estar com mais energia e não sentindo nenhum desconforto com a gestação. Para além da particularidade de cada vivência gestacional, a cena revela ambiguidades de emoções. Em contraponto com a expectativa social da gestação como natural à mulher, e carregada de características positivas, geralmente suas adversidades são acompanhadas de sentimento de culpa (OLIVEIRA; CAIRES; JACINTO; PINTO, 2021).

Na Cena 6, Wendy é convidada para palestrar em um evento sobre maternidade. Chegando ao local, a personagem alega não conseguir falar com o público de gestantes, pois não consegue fingir que está tudo ótimo com sua própria gestação. O desconforto apontado anteriormente, se apresenta agora de uma forma mais acessível, e a personagem consegue externalizar o que realmente está sentindo. Encorajada pela sua assistente ela resolve então subir ao palco. O seu discurso remete inicialmente ao milagre da gravidez e, ao se dar conta que tudo o que ela escreveu não é condizente com o que vivencia, resolve finalmente mostrar a real faceta desse momento tão delicado, contando que todas as expectativas de uma gestação perfeita não se passam apenas de ilusões projetadas nas capas de revista. A personagem compreende que isso não faz com que as mães amem menos os seus bebês, mas demonstra a existência de uma romantização da maternidade.

Na Cena 12 (filme "Olmo e a Gaivota"), observa-se a protagonista Olívia após sofrer um sangramento recebendo a orientação médica de que deveria ficar em repouso absoluto para ter uma gestação segura. Nesse momento, ela reflete sobre o que seria a gravidez e quais os seus sentimentos em

relação à mesma, chegando a afirmar que se sente presa e com medo, pois dedicou anos da sua vida para sua carreira e teme que tudo isso se perca, por conta da gravidez:

> Olivia: Estou ficando com medo do compromisso. Perderei tudo pelo que trabalhei nos últimos dez anos? Será o começo do fim da minha carreira? É como se puxassem o tapete do meu pé e eu não soubesse a que me agarrar. O importante agora é tentar ficar calma, não me mexer (Olmo e a Gaivota – Cena 12).

Pode-se entender a gravidez a partir de estágios, sendo o inicial aquele em que a mulher identifica o feto em crescimento como "uma parte integrante de si mesma" (BIBRING *et al*., 1961 *apud* KLAUS; KENNEL, 1992, p. 32-33). Sendo visto como um indivíduo totalmente dependente e integrado ao corpo da mãe. Isso também é experenciado pelo bebê através da ligação entre dois corpos vivos. O segundo estágio começa quando a mãe vê o feto como independente, ao observar seus movimentos intrauterinos. Assim, este não se resume a uma parte integrante de si, mas é um indivíduo independente. Esse estágio demarca a elaboração o luto da separação física entre mãe e filho.

Na Cena 13, Olívia declara: "Então eu penso em mim como mãe. E quando me imagino mãe, fico com medo". Evidencia-se, então, que a construção do vínculo entre mãe e bebê não é destituído de frustrações e sentimentos aversivos. Emerge, junto às expectativas e ao afeto, o medo de encontrar o bebê real - aquele que agora possui rosto, cor, forma - e o desafio de aceitá-lo como sujeito.

Após o parto

Conforme Strapasson e Nedel (2010) puerpério é o período pós parto, começando a ser contado assim que a placenta é expelida ou retirada em caso de partos cesáreos. Dura em média seis semanas, sendo um período de extremas mudanças para as mulheres tanto na parte física, quanto na parte emocional, pois ocorre uma diminuição na produção de hormônios podendo gerar ansiedades, estresses e o medo de não ser capaz de lidar com as necessidades do bebê.

Após o nascimento do bebê é necessário que as suas cuidadoras nutram por ele o carinho materno. Cabe à mãe estar constantemente disponível para o bebê, para que ele se sinta seguro. Por outro lado, ela possui papel de construir uma independência em relação ao filho. Salienta-se também a importância da rede de apoio que lhe permita sentir prazer ao atender as necessidades dos filhos. Aqueles que estão a sua volta devem oferecer um ambiente que não lhe cause medo, tensões nem preocupações (WINNICOTT, 1983 *apud* ANDRADE, 2017, p. 3).

Na Cena 9 (O que esperar quando você está esperando) podemos assistir ao parto de Wendy, natural sem a utilização de nenhum medicamento. No momento em que entrou em trabalho de parto, a

personagem pede ao marido a introdução de medicação, diante das dores das fortes contrações. Ao dar à luz e segurar o seu filho nos braços, afirma: “Finalmente eu achei, ele é o meu brilho, ele é o meu perfeito, perfeito brilho”.

A personagem disposição afetiva para com a criança, direcionando acolhimento e olhar atencioso. Winnicott validou o primeiro contato entre mãe e bebê, o toque da pele, o contato com os batimentos cardíacos e com a voz da genitora inauguram as experiências de contato da criança com a realidade do mundo externo (WINNICOTT, 1990, p. 168 *apud* SILVA; PORTO, 2016, p. 41).

Variáveis que influenciam no desenvolvimento da maternidade e sua análise

Quando uma mulher recebe a confirmação de uma gravidez diversos fatores influenciam em como será a dinâmica da gestação, e futuramente à sua maternidade. A análise fílmica possibilitou encontrar alguns desses fatores: como o desejo ou não de se tornar mãe, a sua relação com o companheiro(a), a condição financeira, rede de apoio e seu próprio vínculo maternal. Entendemos que algumas dessas variáveis podem estar no campo inconsciente e não fazerem parte da dinâmica feminina, e só é acessado ao entrar em contato com o próprio acontecimento gestacional.

Mudanças no corpo feminino

Entre os acontecimentos do processo gestacional as mudanças que o corpo feminino sofre são significativas, antes mesmo do aparecimento visível da barriga. Observa-se o aumento dos seios, percepção diferente do cheiro, gosto dos alimentos e alteração no sono. Por outro lado, algumas mulheres enfrentam a dicotomia de estar gerando uma vida dentro de si e só realmente aceitar tal processo quando ocorre o crescimento perceptível da barriga (ZANATTA; PEREIRA; ALVES 2017).

Tais ocorrências demonstram o que Silva e Silva (2009) falam sobre a sensação de estar grávida ser sentida antes mesmo da confirmação clínica. Até certo ponto, a gravidez é considerada como um “milagre dentro dela” no que diz sobre as expectativas da chegada de um filho, mas tal percepção pode ir se alterando ao longo do avanço da gestação.

Na cena 6 do filme “O que esperar quando você está esperando”, a protagonista deve realizar uma palestra a respeito da sua experiência com a gestação. A palestra surge como ponto focal sobre a discussão entre as expectativas que as mulheres e outras pessoas imaginam sobre o processo gestacional. Wendy pode finalmente falar a respeito da maternidade real, e expressar seus sentimentos:

> - Wendy: Eu não posso ir até lá e fingir que estar tudo ótimo, eu me sinto péssima. Os hormônios sabem, eu me pego chorando por tudo. A verdade é que eu nem reconheço mais meu corpo, é como se coubesse 20 dos meus antigos sutiãs nesse sutiã gigante da vovó.

A forma como muitas mulheres se entende dentro do processo gestacional está relacionada com os momentos vividos, muitas dessas passam por grandes incômodos. Tais fatores que as levam a repensar sobre a forte disseminação que envolvem a temática da gestação, sendo visto como um momento pleno e cheio de brilho. Devemos entender que o desenvolvimento positivo da gestação e a experiência vivenciada por essa mãe, levará em consideração os acontecimentos no seu corpo e como isso implicará em sua dinâmica do dia a dia.

Rede de Apoio

Ao nascermos, percorremos um caminho do desenvolvimento e nos deparamos com os mais diversos laços sociais, seja eles a nossa própria família, amigos e a depender de cada fase da vida essas pessoas que nos rodeiam contribuíram em nossa formação psíquica. A partir do descobrimento da gestação até ao nascimento do bebê é perceptível ou não, a aproximação de pessoas que podem servir como rede de apoio para a mãe. Como Brito e Koller (1999) *apud* Juliano e Yunes (2014, p. 2) definem rede de apoio social como "um conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem o relacionamento recebidos e percebidos pelo indivíduo".

A existência ou inexistência dessa rede integrará de forma significativa no momento delicado que a mulher se encontra no processo de gerir uma vida, a sua dinâmica psíquica se altera junto com tantas outras mudanças neste período de nove meses, é até depois do parto. Nesse momento a mãe ainda não se reconhece como capaz de cuidar sozinha do bebê, e estando sua rede de apoio ativa, como o(a) parceiro(a), sua própria mãe, outros membros da família ou amigos, lhe possibilitará maior segurança e confiança (WINNICOTT, 2011).

Na cena 11 do filme "Olmo e Gaivota" observamos o diálogo que os amigos próximos da protagonista Olivia ao receberem a notícia sobre sua gravidez. A partir desse momento é levantada diversas questões sobre a sua capacidade em continuar a trabalhar ou não.

> - Amiga: Com seis meses dá para ver
>
> - Amigo: Como você encenará "A Gaivota", com uma barriga de sete meses? Vão notar! Grávida de sete, oito meses, vai dar pra ver! Não tem nada a ver com a peça. Não faz sentido.

Após a confirmação de uma gravidez a mulher passa a ser vista como uma pessoa que não responde por si próprio, e muitas vezes a sua barriga possui mais importância do que suas próprias necessidades e vontades. O discurso dos amigos da personagem nos mostra como os questionamentos

sobre as áreas mais importantes da sua vida começam a passar por um crivo, no caso dela, se é possível ser uma boa atriz mesmo grávida:

> - Olivia: Me colocaram no armário por estar grávida! Estou grávida, me colocaram no armário. Fico invisível!
>
> - Amiga: Suas necessidades vão mudar. Sua vida vai mudar. É uma escolha de vida.

Percebemos como Olivia é confrontada diretamente sobre sua real posição de não apenas ser uma atriz, mas como uma mulher gestante. Tais questionamentos vindos diretamente de pessoas que deveriam atuar como agentes de apoio e suporte, faz com que muitas vezes essas mulheres se encontrem em uma posição de questionamento sobre si mesma, e sua própria gestação. Pois, os próprios vínculos dessa mãe reverberam diretamente em como ocorrerá esses nove meses, e até depois, não estando ativa essa rede de apoio fará o processo não ocorrer de forma positiva e nutritiva (GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011).

Relação Mãe-Companheiro(a)

A gravidez por muitos motivos pode ser um momento solitário na vida de uma mulher, além das mudanças nas suas próprias dinâmicas internas e externas, existe a mudança na qual envolve o próximo, principalmente o(a) companheiro(a). Como dito anteriormente, as pessoas que cercam a mulher influenciarão ativamente na forma como ela lidará e vivenciará este momento.

Um relacionamento saudável entre mãe-pai deve ir além da participação metafórica do homem, entre ambos deve ocorrer um diálogo verdadeiro e pleno. Dessa forma, o resultado irá além de um vínculo mais forte entre bebê-pai, mas também em como a mulher encara a sua gestação, e logo facilitará o contato e vínculo entre a própria mãe e bebê (ZANATTA, 2017).

O relacionamento afetivo, é ponto central para o desenvolvimento de toda trama das personagens de “O que esperar quando você está esperando”. Holly, uma fotógrafa *freelance* que vem tentando a anos realizar o sonho de engravidar e formar uma família com seu marido, após tentativas frustradas decide partir para adoção de uma criança. A Cena 1 demonstra como a personagem feminina se encontra animada para entra na lista de espera da adoção, enquanto seu marido age de forma neutra durante a visita do serviço social.

> - Alex: Então você acha que vai demorar um ano?

- Serviço Social: Cada caso tem seu devido tempo, vocês terão que ser pacientes. Em média sim, um ano. Até mais.

- Alex: Mais? Hum. Por mim tudo bem! Parece perfeito.

Após o início do processo de adoção, o fluxo ocorre no tempo inesperado para o casal, principalmente para o marido, exemplificado na cena 4 como o sentimento em relação a chegada de uma criança para ele não está sendo tão aguardada como por parte da esposa:

- Holly: Conseguimos!

- Alex (Marido): O que! Mas já? Mas ia demorar um ano, ou mais.

- Holly: Tá feliz? Vamos forma uma família.

- Alex: É, muito em breve

(O que esperar quando estamos esperando – Cena 4)

Fica nítida a troca de sentimentos entre o casal, por parte do feminino uma euforia com a chegada do bebê, enquanto o personagem masculino se coloca de forma relutante na necessidade em realizar mudanças para a chegada desse novo membro a família. Como Gutierrez, Castro e Pontes (2011, p. 9) evidencia que "a vivência da maternidade terá como pano de fundo todos os outros vínculos da vida da mãe". Isso exemplifica como a relação com o parceiro pode definir o processo de espera e gestação dessa mulher. Na cena 5, o casal entrará em contato com suas reais expectativas sobre a futura parentalidade, e como cada um lidará com isso.

- Alex: Você perde seu único emprego fixo, e nem fala comigo. Tá de brincadeira?

- Holly: Eu sei, eu sei! Eu estava tentando arrumar outra coisa antes de você saber.

- Alex: É que estamos nisso juntos Holly. Aqui estou eu tentando me preparar para uma coisa que não vai ser...

- Holly: Aí meu Deus! Eu sabia! Você não está pronto.

- Alex: Eu não sou como você entendeu? Não consigo olha pra uma foto e sentir uma ligação mágica. E você mentindo pra mim não ajuda em nada.

- Holly: Você não quer adotar né?

- Alex: Nunca disse isso.

- Holly: Não em voz alta.

(O que esperar quando você está esperando – Cena 5).

Na cena em destaque, finalmente houve o impacto entre o casal sobre a decisão de adotar ou não, entendemos que por um lado existe a culpa por parte de Holly em não conseguir engravidar e gastar com tentativas frustradas. E o marido revela não se sentir 100% preparado e emocionalmente conectado com

o bebê, antes de conhecê-lo pessoalmente. Com esse embate, fica claro a tensão entorno do processo maternal e paternal, ambos passam por questões que impedem a mulher de curtir e sentir profundamente este momento de espera até encontrar seu filho. Essa variável influenciará na tomada de decisão por parte do casal, ao decidirem que inserirá um terceiro em seu relacionamento, que antes mesmo de chegar trouxe diversos questionamentos e reflexões sobre ambos.

Em Olmo e a Gaivota ocorre diálogo afim. Traremos em duas cenas (10 e 14) as mudanças que ocorrem no relacionamento do casal e como isso age como uma variante no desenvolvimento saudável da gestação da mulher.

> - Serge: E aí? Deu positivo? Olivia!
> - Vamos nos casar? Você não quer se casar?
> - Serge: Eu amo o seu cheiro, sua barriga. Será que já dá para ouvi-lo?
> (Olmo e a Gaivota – Cena 10)
> (...)
> - Olivia: Alguém perguntou por mim?
> - Olivia: Pode me responder? Você precisa me entender.
> - Serge: Eu mal acabei o dia. Tenho o meu presente e você, o seu.
> - Olivia: O meu presente não é só meu, é seu também, só que eu carrego. Então é seu problema sim. Estou trabalhando para nós dois, mas tenho a impressão de trabalhar sozinha
> - Serge: Merda! Não vou me sentir culpado por trabalhar. Preciso trabalhar pelo menos dez horas por dia. Temos contas a pagar, quando o bebê nascer teremos que pensar nisso.
> (Olmo e a Gaivota – 14).

Por muito tempo a função masculina dentro de uma família prevaleceu apenas como um responsável chefe de família, o benfeitor, aquele que deve ser a figura de força, determinismo e colocar a "comida na mesa". Devido às mudanças da estrutura familiar isso foi se desmitificando e possibilitando a intersecção do homem na relação mãe-filho, e com isso o termo parentalidade se torna cada vez mais forte e fundamental durante a gestação e a maternidade dessa mulher (BADINTER, 1985).

Nas duas cenas em destaque observamos inicialmente o companheirismo entre o casal na descoberta da gravidez, até que ao longo dos meses começa surgir os questionamentos que afetam diretamente na comunicação entre ambos. Ela se sente sozinha durante os dias que fica em casa cuidando da sua gestação, longe dos amigos e trabalho, enquanto ele dar continuidade as suas atividades laborais para possibilitar o sustento da casa, e futuramente do bebê.

A insatisfação de Olivia retrata como a gestação de uma mulher pode ser solitária, tornando-se ainda mais negativa quando não possui uma boa relação com o companheiro(a). A mãe passa a

questionar se realmente poderá manter o cuidado ao seu bebê sozinha futuramente, e faz com que a torne inquieta e ansiosa durante os meses que se passam até o parto.

Construção social da maternidade

Maternidade inserida no discurso social como algo natural a mulher

A forma como a maternidade é concebida socialmente passou e continua passando por diversas mudanças, se no século XIX a noção de disponibilidade, cuidado e atenção plena a família se incorporava ao discurso social da época, nos tempos atuais a maternidade é vista com maior intensidade ao fato da mulher desejar ter um filho ou não. Porém, mesmo com a emancipação das mulheres em relação aos direitos trabalhistas, métodos anticoncepcionais, e tantos outros, o fato de anunciar a chegada de um filho ainda se torna fonte de discussão por parte da sociedade (TOURINHO, 2006).

A mulher ao ficar grávida pode se tornar alvo não apenas dos seus próprios questionamentos internos, mas de todos que estão a sua volta. Muitas vezes inicia-se com as pequenas sugestões de como enxerga a chegada desse bebê como algo simples, que toda mulher deve e precisa passar para assim se torna uma mulher completa.

> - Olivia: É estranho, as mulheres me dizem: "Gravidez....um momento extraordinário, um momento maravilhoso". Talvez seja, mais pra frente. No momento é muito abstrato.
>
> (Olmo e a Gaivota – Cena 13)

Na cena 13 em destaque a personagem Olivia se confronta com suas próprias inquietações em relação a gravidez, enquanto escuta de outras mulheres um discurso de como esse momento é maravilhoso e extraordinário. Causando muitas vezes nessas mulheres sentimentos inquietantes de estarem vivendo de forma errada sua gestação, e que existe um modelo único social a ser seguido.

> - Olivia: Fiquei com um dente mole e uma amiga disse "É normal, o bebê precisa de cálcio. Durante a gravidez a mulher pode perder dentes". Eu ri da ideia de uma troca tão absurda, uma vida por um dente. Mas a simplicidade com que ela falou me perturbou muito
>
> (Olmo e a Gaivota – Cena 13).

Entre as diversas fases que o processo gestacional causa na mulher, as mudanças tanto psíquicas tanto quanto corporais, fazem com que o exercício da maternidade se torne conturbada e cheia de dúvidas. Em torno vem os discursos normatizadores sobre os acontecimentos mais inusitados, pois a

mulher se torna invisível no processo e o que prevalece para sociedade é apenas a gestação. Na continuação da cena 13 em destaque, a personagem ao perder um dente entra em choque, pois não possui mais controle sobre seu corpo e deve se doar totalmente em troca do bebê.

Tendo em vista as cenas discutidas e todo histórico da romantização da gravidez, percebemos que mesmo com tantos avanços na estrutura social dos direitos conquistados pelas mulheres, a gravidez/maternidade se torna um ponto que se faz necessário alguns avanços. Pois, enquanto a gravidez for discutida socialmente como inerente a mulher, teremos um discurso social voltado a inferência sobre os processos gestacionais dessas mulheres, em como cada uma deve se sentir em relação a gravidez.

Uma nova perspectiva sobre a maternidade

Nas últimas décadas por conta da modernidade, pode-se observar uma mudança quanto a posição que a mulher ocupa na sociedade. Existe uma ruptura que até então era pautada na concepção de que o papel desta compreendia em apenas procriar. A estas só era reservado a maternidade, sendo privadas dos seus direitos, não tendo propriedade sobre o seu corpo e também das suas escolhas. Com as novas configurações a respeito da vida social está mulher ganha o direito da escolha, dentre eles o de ser mãe ou não. Os filmes escolhidos exemplificam a desconstrução do papel social exercido outrora por essas mulheres (BIASOLI-ALVES, 2000).

As personagens em questão trazem em suas falas a desromantização da maternidade, apresentando que a ideia de se conceber uma criança confere uma série de aspectos, passando pela ascensão da carreira profissional, conquistas pessoais que terão que abrir mão e projetos que serão interrompidos em prol da maternidade. Sabe-se que uma criança demanda tempo e dedicação, e com tantos afazeres muitas mulheres não dispõe desse tempo de qualidade para se ter um bebê, sendo assim postergada a ideia de se tornar mãe (BARBOSA, 2007).

> - Olivia: Estou ficando com medo...do compromisso. Perderei tudo pelo que trabalhei nos últimos dez anos? Será o começo...do fim da minha carreira? É como se puxassem o tapete do meu pé e eu não soubesse a que me agarrar. O importante agora é tentar ficar calma, não me mexer (Olmo e a Gaivota – Cena 12).

Ao analisar a cena 12 pode-se observar esses questionamentos por parte da personagem Olivia, como no filme relata ela se encontra em ascensão na sua carreira de atriz, onde sua peça por qual trabalhou durante anos, recebe o convite para entrar em turnê. A gravidez chega nesse momento e acaba por interromper tudo o que ela havia planejado, é possível perceber uma angústia por parte da protagonista que além da gestação precisa se afastar do que ela mais ama, que são os palcos, e fica

evidente que seus sentimentos são invalidados por seu companheiro Serge que não compreende a dimensão do que é abrir mão de algo por uma situação inesperada, desde que essa gestação não havia sido planejada.

Em tempos passados se tinha a ideia de que a completude da mulher estaria em se tornar mãe. Onde está geraria um ser sobrenatural capaz de lhe dar forças e sentido. Com o acesso das mulheres a uma educação superior e também ao mercado de trabalho, a maternidade foi deixando de ser um fator determinante para a satisfação feminina.

Temos como precursora dessa nova concepção a escritora francesa, filósofa Simone de Beauvoir (1980), que trouxe em seus escritos a desconstrução dos padrões que eram impostas as mulheres da época, onde essas mulheres eram orientadas que possuíam uma vocação "natural" a família. Sendo um importante instrumento na luta do movimento feminista, que busca a independência da mulher das opressões sofridas pelas mesmas. Por conta desses movimentos pôde-se surgir novas perspectivas quanto a maternidade e suas implicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo buscou-se um novo olhar sobre a maternidade, trazendo a concepção histórica sobre o tema e suas problemáticas. Tratar desses assuntos faz com que mais mulheres se sintam confortáveis para relatarem como realmente se sentem sobre o período gestacional, possibilitando a quebra de tabus em volta do "tornar-se mãe". De acordo com o objetivo do estudo, pontou-se que a partir da descoberta da gravidez a mulher vivencia não somente mudanças e transformações em seu corpo, mas formas de lidar com seus próprios medos e frustrações.

A utilização da análise fílmica como método demonstrou a possibilidade de traçar debates relevantes a partir desse tipo de material. Tendo como objetivo a investigação dos fatores ligados ao processo de vinculação mãe-bebê, obteve-se como resultados de que este processo deve-se levar em conta a importância dos fatos que decorrem antes ou depois do descobrimento da gravidez. Utilizando-se das falas das personagens dos filmes analisados, pôde-se elucidar de forma como ocorre essa vinculação: em primeiro momento a idealização, seguida do contato com a realidade, carregada de afetos e frustrações.

Com a análise das referidas obras pudemos compreender a forte disseminação do discurso social em volta da maternidade. Nos filmes temos personagens independentes, com carreiras sólidas e, mesmo assim, se sentem despreparadas para enfrentarem este desafio. Sofrem julgamentos e questionamentos, ao ponto de precisarem aprender como lidar com essa nova dinâmica que nunca passou em sua mente ao

cogitar engravidar. São diversos os comentários romantizados sobre a gravidez, e fazem que essa mulher se sinta mal por não se encaixar no modelo ideal, único e socialmente aceito. É preciso desmistificar o mito que circunda a gravidez/maternidade concebido por tempos, os direitos concebidos ao feminino não se encaixam apenas nas escolhas profissionais e acadêmicas, mas também por optar por "tornar-se mãe" e como lidará com sua gestação de forma única.

Ao longo do desenvolvimento percebemos algumas limitações, não se encontrando estudos recentes em português que contemplassem os objetivos propostos na pesquisa, o que dificultou para uma análise mais atualizada do cenário nacional. Propomos assim, como futuros estudos com enfoques empíricos de modo a compreender como a psicologia enquanto ciência pode desenvolver saberes e intervenções sobre a maternidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. J. "O vínculo mãe-bebê no período de Puerpério: Uma análise Winnicottiana". **Revista do NESME**, vol. 14., n. 1, 2017.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, P. Z. "Maternidade: novas possibilidades, antigas visões". **Psicologia Clínica**, vol. 19, n.1, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **"**Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX". **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 16 n. 3, setembro-dezembro, 2000.

CORREIA, M. J. "Sobre a maternidade". **Análise Psicológica**, vol. XVI, n. 3, 1998.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo Editora Atlas S.A., 2002.

GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D.; MAKUCH, M. Y. "Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade". **Pensando Famílias**, vol. 18, n. 1, junho, 2014.

GUTIERREZ, D. M. D.; CASTRO, E. H. B.; PONTES, K. D. S. "Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações". **Revista NUFEN**, vol. 3, n. 2, dezembro, 2011.

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. "Reflexões sobre a rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência". **Ambiente & Sociedade**, vol. 17, n. 3, setembro, 2014.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H. **Pais/bebê**: a formação do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OLIVEIRA J. C. O. P; CAIRES L. F. B; JACINTO P.M.S; PINTO J. F. "A relação entre as representações da função materna em uma rede social virtual e a experiência de mulheres no processo gravídico-puerperal". **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, vol. 14, n. 43, janeiro/junho, 2021.

RESENDE, D. K. "As construções da maternidade do período colonial à atualidade: uma breve revisão bibliográfica". **Revista Três Pontos**, vol. 14, n. 1, 2017.

SILVA B. A. A; BRAGA L. P. "Fatores promotores do vínculo mãe-bebê no puerpério imediato hospitalar: uma revisão integrativa". **Revista da SBPH** ,vol. 22, n. 1, janeiro/junho, 2019.

SILVA, S. R.; PORTO, M. C. "A Importância da Interação Mãe-Bebê. Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde"**. Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, vol. 20, n. 2, 2016.

SILVA, L. J.; SILVA, L. R. "Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais". **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 13, n. 2, 2009.

STRAPASSON, M. R.; NEDEL, M. N. B**. "**Puerpério imediato: desvendando o significado da maternidade". **Revista Gaúcha de Enfermagem**, vol. 31, n. 3, setembro, 2010.

TOURINHO, J. G. "A mãe perfeita: idealização e realidade". **Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar**, vol. 3, n. 5, agosto, 2006.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ZANATTA, E; PEREIRA, C. R. R. P; ALVES, A. P. A. "A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no torna-se mãe". **Pesquisas e Práticas Psicossociais,** vol. 12, dezembro, 2017.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 31| Boa Vista |2022

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima